

---

DAMO, Arlei Sander. *Do dom à profissão: a formação de futebolistas no Brasil e na França*. São Paulo: Hucitec: Anpocs, 2007. 359 p.

*Simoni Lahud Guedes*

*Universidade Federal Fluminense – Brasil*

Há muito que se tornava necessário um empreendimento antropológico da envergadura do que foi realizado por Arlei Damo em seu livro, originado de sua premiadíssima tese de doutoramento.<sup>1</sup> Para analisar, comparativamente, o processo altamente seletivo de produção de jogadores de futebol para o mercado restrito dos grandes clubes nacionais e do exterior, dialoga com as teorias antropológicas e escrutina sonhos, conduzindo o leitor através de uma densa trama de projetos, emoções e frustrações. Reflete, em diversos níveis de abstração sobre o futebol moderno e expõe, através das mais diversas técnicas, os dramas que se desenrolam cotidianamente, em especial em países fornecedores de *pés-de-obra*,<sup>2</sup> registrando, muitas vezes, comoventes relatos que apenas uma etnografia excepcional produz.

Embora esteja situado, claramente, dentro do novo campo da antropologia dos esportes, campo no qual, sem dúvida, se tornou referência obrigatória, ressalto a importância e interesse mais amplos deste texto, evidenciados tanto pela contribuição acerca da produção de dados na antropologia quanto pela contribuição para a reflexão teórica acerca do “dom”, vereda clássica aberta por Mauss, recentemente explorada por diversos pesquisadores, inclusive na análise das sociedades modernas (cf., por exemplo, Caillé, 2000; Godbout; Caillé, 1999, Godelier, 2001). É importante, por isso, que nos dez capítulos em que se divide o texto (além de introdução e conclusão) algumas questões fundamentais da antropologia do esporte – do futebol, em particular

---

<sup>1</sup> Defendida em 2006, no Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UFRGS, sob a orientação de Ruben Oliven, foi escolhida como Melhor Tese da área de antropologia e arqueologia, no Prêmio Capes, e como Melhor Tese de Doutorado do Concurso Anpocs, 2006, prêmio que gerou sua publicação.

<sup>2</sup> Criativo neologismo elaborado pelo autor para acentuar a intenção mercadológica deste processo de formação, evocando, evidentemente, a produção de trabalhadores, de “mão-de-obra”.

– sejam retomadas,<sup>3</sup> o que permite a adequada apropriação do texto por leitores não tão familiarizados com a especificidade deste campo. Discute, pois, nos capítulos 1 e 2, os diversos “futebóis” encontráveis, classificando-os segundo algumas matrizes, para deter-se no que denomina a “matriz espetacularizada”, na qual os jogadores competentes são mercadorias preciosas, peças num mercado que, como sabemos, movimentam bilhões de dólares. Este ponto de partida permite que, em seguida, detenha-se sobre os capitais futebolísticos necessários à carreira do jogador (cap. 3) e sobre os modelos de produção e/ou formação de jogadores (caps. 4 e 5), em capítulos que congregam algumas das contribuições fundamentais do trabalho. Investe na discussão acerca do “dom”, sua mais importante contribuição teórica, no capítulo 6, tema que, apesar de presente em todo o texto, enriquece-se na trama empírica também nos capítulos 8, 9 e 10, nos quais desdobra suas várias dimensões (os centros de formação, a lapidação do dom e sua mercadorização). O capítulo 7, sobre o jogo de futebol informal na rua, pode ser lido isoladamente mas complementa, de modo exemplar, a reflexão sobre a aquisição “naturalizada” de técnicas corporais adequada ao futebol.

Destaco, neste texto, em primeiro lugar, sob o ponto de vista metodológico, a importância da dimensão comparativa, neste caso propiciada pela experiência francesa – na verdade, europeia – em bolsa sanduíche, em Marselha, sob a orientação de Christian Bromberger, referência internacional nos estudos antropológicos sobre esportes.<sup>4</sup> A antropologia tem alguns cânones axiais, entre eles as diversas propostas metodológicas referentes à comparação que permitem um certo deslocamento do olhar. Talvez esta dimensão seja ainda mais importante quando estudamos fenômenos sociais nos quais estamos tão imersos, que são tão “familiares” para nós (Velho, 1978), como ocorre com tudo que cerca que o futebol no Brasil. Provavelmente as enormes dificuldades de “reconversão”, como denomina o autor, dos imensos investimentos dos jovens brasileiros na carreira futebolística, extremamente naturalizados no Brasil, não teriam sido abordados com tal propriedade sem o contraste com a formação/produção francesa. A demonstração de uma clara intervenção do estado, no

---

<sup>3</sup> Retomando e desenvolvendo, inclusive, questões básicas sobre o “clubismo” brasileiro, analisado em sua excelente dissertação de mestrado, publicada posteriormente (Damo, 2002).

<sup>4</sup> Cabe, aqui, a importância da política das agências brasileiras de financiamento acadêmico que, através das bolsas-sanduíche tem propiciado fundamental processo de internacionalização das ciências sociais. No caso da antropologia, este processo tem gerado frutos extremamente relevantes, como o trabalho que está em foco nesta resenha.

caso francês, que obriga a uma formação mais completa, com sérios investimentos na educação, evidencia outras possibilidades e expõe, de modo brutal, a lógica perversa da administração dos sonhos de ascensão social dos mais pobres em nossa sociedade, que, se já é conhecida, não havia sido ainda submetida a uma análise tão pertinente. Por outro lado, como vai destacar o técnico francês entrevistado por Damo, é, também, muito provavelmente, em função deste modelo que exige das crianças e jovens dedicação exclusiva, por alguns longos anos, a este projeto, geralmente de investimento de suas famílias, que o Brasil se transforma em um “celeiro de craques”. O livro, portanto, abre uma vigorosa via de produção de dados inovadores, que pode ser trilhada por muitos pesquisadores, sugerindo que a continuidade da comparação com a formação/produção de jogadores em outros países poderá iluminar ainda outros aspectos. Seria muito interessante, por exemplo, uma comparação com a Argentina, também “celeiro de craques” mas com uma tradição fortemente escolarizada.

Embora seja possível verificar, no caso brasileiro, diversas formas de “reconversão” destes investimentos, nas quais há algum retorno em prestígio e um pequeno retorno econômico,<sup>5</sup> a pesquisa em foco demonstra, exemplarmente, muitas vezes, através de relatos comoventes, como atua o “funil” de produção de “pés-de-obra”, neologismo que aqui assume seu sentido pleno, expresso graficamente no quadro da página 269. Este processo também evidencia a forma pela qual educação formal apresenta-se para os mais pobres no Brasil pois, quando há indícios do “dom”, as crianças são integralmente engajadas em investimentos que visam à profissionalização, secundarizando-se ou simplesmente abandonando os investimentos escolares. A reprodução constante da retórica acerca da importância da educação, encontrável também nos discursos dos trabalhadores, depara-se aqui com o seu limite. Na verdade, as experiências acumuladas dos trabalhadores têm demonstrado o rendimento muito relativo dos sacrifícios da escolarização (cf. Guedes, 1997), razão pela qual muitos jovens e seus familiares fazem esta aposta arriscada na carreira futebolística.

É também esta experiência européia que possibilitou a importante contribuição acerca dos três tipos ideais de formação/produção de jogadores

---

<sup>5</sup> Venho trabalhando, há alguns anos, com jovens envolvidos em projetos sociais esportivos, em pesquisa financiada pelo CNPq e tenho encontrado várias formas de “reconversão” destes investimentos que se configuram quer ganhos financeiros em carreiras futebolísticas de menor destaque quer como ganhos em prestígio em áreas específicas da cidade.

(endógeno, exógeno e híbrido), apresentados no capítulo 4. Através desta construção, demonstra, por exemplo, que, mesmo neste mundo absolutamente mercantilizado e transnacionalizado, há espaço, por exemplo, para o recrutamento feito através do pertencimento étnico (caso do Athletic Club, de Bilbao, na Espanha, p. 127 e seguintes). A elaboração dos três tipos ideais permite os desdobramentos fundamentais do texto, em especial com relação ao tipo ideal híbrido, praticado na maioria dos clubes brasileiros, cuja etnografia, exibiu, pela primeira vez até onde sei, as formas pelas quais estão imbricados neste processo dirigentes, agentes, técnicos, preparadores físicos, familiares e muitos outros. A recusa da simplificação de um processo complexo é a chave deste livro. Devo anotar, ainda, que são raríssimos os trabalhos, no caso brasileiro, que enfocam estes atores fundamentais do esporte que são os dirigentes.

Evidentemente, a textualização de um empreendimento etnográfico da envergadura deste realizado por Arlei Sander Damo, apresenta inúmeros aspectos de interesse que não é possível conter em uma curta resenha. Mas considero fundamental, sublinhar, ainda, sua contribuição para a reflexão sobre a teoria da reciprocidade nas sociedades modernas, questão para a qual a antropologia dos esportes dispõe de material particularmente relevante. Isto porque uma das categorias nativas centrais deste campo é, como bem o demonstra o trabalho em tela, a de *dom*. Se é, sem dúvida, necessário separar o termo analítico *dom/dádiva*, originário da teoria da reciprocidade maussiana, do termo nativo, também é fundamental compreender suas possíveis conexões. Outros pesquisadores, como Eline Decacche-Maia (2003) avançaram também nesta direção, extremamente produtiva tanto em termos de iluminação dos dados empíricos quanto em termos de compreensão analítica do que poderíamos denominar o “grande circuito da dádiva” na modernidade. Explorando as referências empíricas do termo nativo, Damo recusa-se a encarcerar o excesso de significado que contém, procurando reter seus significados residuais e evitando contê-lo, por exemplo, em outras categorias analíticas, como a de *habitus*: “Diluir o termo *dom* na noção de *habitus* é perder de vista um componente essencial do uso nativo das categorias êmicas.” (p. 190). Sustenta, entretanto, que o *dom/talento* configura-se como uma espécie de *dom/dádiva* e, por esta via, coloca em circulação uma série enorme de dons e contradons:

O dom futebolístico que está na origem de todos os investimentos, uma vez aperfeiçoado e reconhecido pelo público, entra em circulação, suscitando uma cadeia de trocas que, por seu turno, implicam a sua reconversão incessante, em forma de

dinheiro e afeto, interesses individuais e coletivos, fidelidade e traição, idolatria e escárnio, enfim, em uma miscelânea de eventos e símbolos. Estamos tratando do dom/dádiva, um dom com sentido ubíquo – ao contrário do dom/talento, claro e manifesto – e, ao que tudo indica, no terreno da reciprocidade. (p. 194).

O texto demonstra que *dom/talento* é uma moeda de troca inserida num amplo circuito de reciprocidade cuja especificidade começa a ser desvendada e que sugere, também, inúmeros desdobramentos de pesquisa.

Mestre no exercício da difícil arte de apropriar-se analiticamente de um material empírico excepcional, submetendo-o à reflexão teórica mas sem destruir a sua especificidade, deixando transparecer tudo que não cabe em nossas limitadas teorias, esta reflexão sobre o *dom*, sem qualquer dúvida, é a grande contribuição do livro, abrindo importantes caminhos não apenas para a reflexão na antropologia dos esportes mas em toda a antropologia que se debruça sobre as formas complexas da reciprocidade nas sociedades modernas.

## Referências

CAILLÉ, A. *Antropologia do dom: o terceiro paradigma*. Petrópolis: Vozes, 2000.

DAMO, A. S. *Futebol e identidade social*. Porto alegre: Editora da UFRGS, 2002.

DECACCHE-MAIA, E. *Esporte e políticas públicas na virada do milênio: o caso de Niterói*. Tese (Doutorado em Antropologia Social)–Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003.

GODBOUT, J.; CAILLÉ, A. *O espírito da dádiva*. Rio de Janeiro: FGV, 1999.

GODELIER, M. *O enigma do dom*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

GUEDES, S. L. *Jogo de corpo: um estudo de construção social de trabalhadores*. Niterói: Eduff, 1997.

VELHO, G. Observando o familiar. In: NUNES, E. (Org.). *A aventura sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. p. 36-46.